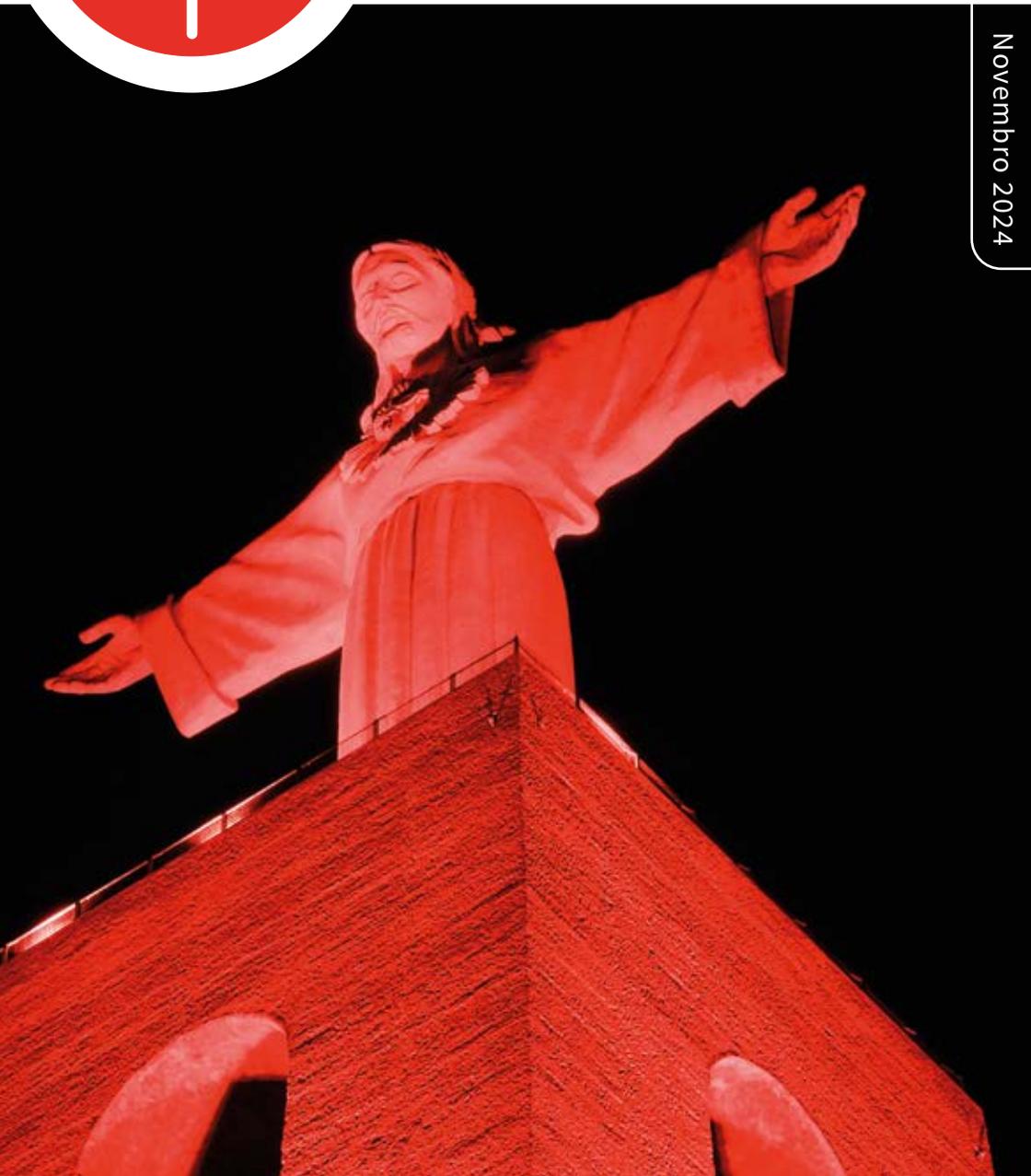


Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Novembro 2024



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

NOVEMBRO: Por quem perdeu um filho

Rezemos para que todos os pais que choram a morte de um filho ou filha encontrem apoio na comunidade e obtenham do Espírito consolador a paz de coração..

#REDWEEK2024

16 a 24 de Novembro 2024

Todos os anos, os vários secretariados internacionais da Fundação AIS fazem iluminar de vermelho alguns monumentos significativos, como forma de chamar a atenção da opinião pública para o drama da perseguição aos Cristãos e a necessidade de garantir a liberdade religiosa.

De **16 a 24 de Novembro**, muitas paróquias em Portugal e em todo o mundo vão realizar momentos de oração, irão iluminar-se de vermelho e em algumas dioceses será divulgado o mais recente documento da Fundação AIS sobre este tema, “*Perseguidos e Esquecidos? Relatório sobre os Cristãos oprimidos por causa da sua fé*”.

O objectivo é só um: combater a indiferença.

Não podemos continuar a ignorar os sucessivos ataques, a violência e discriminação a que estão sujeitos milhões de cristãos, que são a comunidade religiosa mais perseguida em todo o mundo.

AJUDE A COMBATER A INDIFERENÇA!

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © DR; Veni Markovskij; © AIS

CAPA Cristo Rei iluminado, Red Week
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

Novembro, o mês das Almas

Bem-aventurados os que morrem no Senhor, que repousem dos seus trabalhos, porque as suas obras os acompanham (Ap 14,13).

O mês de Novembro traz-me à memória a minha tia Alexandrina, que sempre conheci muito velhinha. Ia sempre visitar-me, e dela aprendi, e nunca esqueci, o que ela dizia com aquela fé e aquela convicção que vinham do fundo do tempo: «Eu tenho uma grande devoção às almas do purgatório!... E tu, quando fores Padre, nunca deixes de rezar por elas!... Elas conseguem-nos muitas graças!...». E aqui estava toda a fé simples da minha tia Alexandrina sobre aquilo que a teologia designa como *escatologia intermédia*. E esta teologia ainda me recordava a minha Mãe, que me repetia vezes sem conta: «Isto nunca mais me esqueceu!...»; «A gente nunca deve esquecer o que os nossos pais nos ensinaram...». E daquelas coisas de que ela também nunca se esqueceu foi a ‘devoção às almas do purgatório’. A esta devoção volto, quando a crítica teológica me insinua alguma hesitação.

Esta hesitação tem a ver com a dificuldade da antropologia teológica contemporânea em falar da «alma». O teólogo espanhol Ruiz de la Peña (1937-1996) é um dos expoentes desta recusa, porque considera, erroneamente, que a sua origem se encontra em Platão (428-347 a. C.). Portanto, conclui, é uma noção grega, não bíblica, não cristã¹. Neste sentido, o filósofo italiano M. Vannini (1948-) fala da «morte da alma» na teologia contemporânea². Então, falar-se do mês das almas e das almas do

purgatório torna-se, para muitos, uma linguagem vazia e sem sentido.

Pelo contrário, J. Ratzinger (1927-2022), na sua obra sobre a *Escatologia*³, mostra que a visão cristã do homem, metafisicamente constituído por corpo, alma e espírito, é essencialmente bíblica, e encontra-se logo no segundo relato da criação, quando Deus formou o homem do pó da terra e lhe insuflou o sopro da vida e ele se tornou um ser vivente: «Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente» (Gn 2,7). Em rigor, a antropologia cristã, que defende a constituição metafísica do homem – corpo, alma e espírito –, tem alguma relação com a filosofia grega, não com Platão, mas com Aristóteles (348-322 a. C.), segundo o qual, a alma *intelectiva* é a forma substancial do corpo. A antropologia cristã distancia-se, porém, desta concepção, porque defende a natureza espiritual e eterna da alma, criada por Deus e infundida por Ele no corpo, que para ela foi feito. Nós somos corpo e alma (alma intelectual e espiritual), numa unidade tal (forma substancial) que o corpo não pode viver sem a alma (que dele se separa pela morte) e a alma, embora persista sem o corpo depois da morte, sente a sua falta, se assim nos podemos exprimir. Quando a Igreja nos ensina a dizer no *Credo*, *creio na ressurreição da carne e na vida eterna*, está a recordar-nos que a plenitude da nossa felicidade no céu

1 Cf. J.L. UIZ DE LA PEÑA, *La otra dimensión. Escatología cristiana* (Sal Terrae, 1986); ID., *La Pascoa de la creación* (Madrid: BAC 2007).

2 Cf. M. VANNINI, *La morte dell'anima. Dalla mistica alla psicologia* (Firenze: Le Letter 2003).

3 Cf. J. RATZINGER, *Escatologia. Morte e Vita eterna* (Assisi: Citadella 1979).

só o será quando na ressurreição da carne a nossa alma se unir ao nosso corpo. O filósofo italiano M. Vannini vai na mesma linha que o teólogo J. Ratzinger e chega à mesma verificação: a noção da alma na antropologia teológica é genuinamente cristã.

Então, superadas as hesitações teológicas, com a ajuda do teólogo J. Ratzinger e do filósofo M. Vannini, continuo a considerar o mês de Novembro muito importante na pedagogia espiritual da Igreja, que nos recorda algo de essencial e que não podemos esquecer. No Purgatório contemplamos uma fase importante do mistério da Igreja, a Igreja padecente ou a Igreja que sofre a purificação passiva do amor, como condição para poder contemplar a Deus, vê-l'O face a face, tal como Ele é: «Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, pois O veremos como Ele é» (1Jo 3,2). O mês de Novembro, o mês das almas, recorda-nos esta verdade que hoje corre o risco de ser esquecida.

É bom rezar pelas almas do purgatório, esse espaço de derradeira purificação antes da visão de Deus. E faz parte da nossa tradição crente a convicção da fé de que ninguém vai para o Paraíso se antes não passar por esta purificação pelo fogo do amor divino, a *purificação passiva do espírito*, de que nos fala S. João da Cruz. O purgatório é então o 'lugar' de purificação dos restos de pecado, deste apego último às criaturas e que impede o mergulho no fundo oceânico e abissal do mistério de Deus. Porque só o amor purifica, então o purgatório é esse espaço de tempo sem tempo e mesmo assim distinto da visão beatífica em que o fogo do amor divino

purifica o nosso ser e, neste caso, prepara e dispõe o nosso coração e o nosso olhar para a visão beatífica.

Todos os dias a Igreja recorda na Missa as almas dos fiéis defuntos. A Igreja mantém o bom costume da celebração da Missa pelos defuntos: as Missas exequiais, do sétimo, do trigésimo dia; as Missas de aniversário, os Trintários Gregorianos. E o costume de os que as pedem oferecerem um donativo, para ajudar os sacerdotes que as celebram, muitos dos quais, sobretudo em terras de missão, mas mesmo entre nós, de pouco mais dispõem para poderem sustentar as suas vidas e se dedicarem ao serviço da Igreja.

Que bom seria que o mês de Novembro voltasse a ser um tempo de meditação e de pausa sobre o outono da vida, da qual fazem parte a morte e as realidades últimas que nos esperam. Não seria oportuno mobilizar todas as comunidades cristãs para uma pedagogia pastoral do "mês das almas", até como resistência crítica ao neopaganismo das festas do Halloween? Não será urgente aproveitar o mês das almas como uma oportunidade para uma catequese sistemática sobre o mistério da Igreja, corpo de Cristo e comunhão dos santos, nas suas três fases: Igreja peregrina, entre as consolações de Deus e as perseguições do mundo; a Igreja padecente no purgatório e a Igreja triunfante dos eleitos no céu, que contemplam já Deus face a face? Não seria oportuno desenvolver-se neste mês de Novembro uma catequese sobre o *mistério da morte*, retomando a noção da *filosofia da vida* como aprendizagem da *morte*? Do *memento mori* como condição para uma vida autêntica?

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:

435.052 km²

População:

41,5 milhões

Religiões:

Muçulmanos: 97,4%

Novas religiões: 1,4%

Cristãos: 0,5%

Outros: 0,7%

Língua Oficial:

Árabe e Curdo



IRAQUE

10 ANOS APÓS A INVASÃO DA PLANÍCIE DE NÍNIVE PELO DAESH

Dez anos após a invasão do Daesh, metade dos cristãos que viviam na planície de Nínive regressaram à terra dos seus antepassados e estão a reconstruir a sua comunidade milenar, apesar da situação de risco.

Contexto histórico

Após a Primeira Guerra Mundial, o Iraque passou do falido Império Otomano para o controlo britânico. O Reino do Iraque foi estabelecido sob o mandato britânico em 1932. Em 1979, Saddam Hussein subiu ao poder e estabeleceu

uma ditadura brutal. Acabou por ser derrubado em 2003 (executado em 2006), quando uma aliança americano-britânica invadiu o país. Após a invasão, o país entrou numa guerra civil entre sunitas e xiitas. Devido à agitação geral e aos ataques directos, a presença dos



Cristãos diminuiu consideravelmente. Antes de 2003, estimava-se que a comunidade cristã tivesse cerca de 1,5 milhões de membros. Actualmente, deve ser inferior a 250 mil pessoas. Muitos cristãos encontraram refúgio na zona controlada pelo Governo curdo ou partiram para o Ocidente. Em 2011, a ocupação americana terminou. A influência do vizinho Irão aumentou consideravelmente desde então, porque a maioria da população iraquiana é xiita. Os sunitas, que tinham dominado durante o regime de Saddam, sentiram-se marginalizados. Em 2014, em grande parte devido ao afastamento da minoria sunita, o grupo terrorista radical sunita Daesh conquistou uma parte significativa do norte do Iraque, incluindo Mossul, que se tornou a capital do grupo. Os jihadistas também atacaram os Cristãos e outros grupos religiosos como os Yazidi. Uma aliança internacional expulsou o Daesh em 2017. O Iraque ainda

não recuperou totalmente de anos de guerra (civil) e das consequentes dificuldades económicas.

O Cristianismo no Iraque

Os Cristãos do Iraque são uma das mais antigas comunidades cristãs de presença contínua do mundo. O Cristianismo foi introduzido no Iraque no séc. I. Os territórios do actual Iraque são mencionados na Bíblia. Os Cristãos são, na sua esmagadora maioria, descendentes dos habitantes originais do Império Assírio, uma civilização que durou desde o séc. XV a.C. até ao séc. VII d.C., quando o Islão chegou à região. São falantes nativos do aramaico oriental. A denominação mais seguida no Iraque é a Igreja Católica Caldeia, embora outras comunidades de rito siríaco desempenhem um papel importante. Estão igualmente presentes outros ritos, nomeadamente o arménio, o bizantino (melquita) e o latino.



“Não há palavras para descrever o que vivemos há 10 anos. O Daesh tentou erradicar-nos, mas não conseguiu. As pessoas aqui são como as oliveiras. Podem cortá-las, queimá-las, mas passados 10 ou 20 anos continuam a dar fruto. Eles tentaram tudo, mas nós permanecemos e, enquanto Igreja, fazemos tudo para dar sinais de esperança.”

Nizar Semaan,
Arcebispo Católico Siríaco de Hadiab/Adiabán

Devido ao conflito entre os Curdos e o Governo central, na década de 1970 muitos cristãos fugiram do norte do Iraque para Bagdade e outras cidades iraquianas, como Bassorá, só regressando quando a situação de segurança se deteriorou após a invasão dos EUA em 2003. Os ataques terroristas generalizados contra igrejas em Bagdade e Mossul começaram no Domingo, 1 de Agosto de 2004, quando foram bombardeadas simultaneamente seis igrejas em Bagdade e Mossul, com o posterior bombardeamento de quase 30 outras igrejas em todo o país.

Estes acontecimentos desencadearam várias vagas de refugiados (tanto no interior do país como uma emigração maciça de cristãos). Em Fevereiro de 2010, os ataques contra os Cristãos em Mossul obrigaram 4300 a fugir para a planície de Nínive.

As maiores dificuldades para os Cristãos foram provocadas pelo Daesh. A 9 e 10 de Junho de 2014, a segunda maior cidade do Iraque, Mossul, caiu nas mãos do grupo sunita radical. Em 29 de Junho de 2014, o auto-proclamado Estado Islâmico anunciou oficialmente o restabelecimento do Califado. Em Julho desse mesmo ano, os últimos cristãos deixaram Mossul depois de receberem um ultimato dos militantes do Daesh com as seguintes opções: conversão ao Islão; morte pela espada em caso de não pagamento da Jizya; ou fuga.

A 6 de Agosto de 2014, um avanço do Daesh na planície de Nínive obriga entre 100 mil e 120 mil cristãos a fugir, na sua maioria para áreas sob controlo curdo. Com a derrota territorial do Daesh no final de 2017, o país ultrapassou a pior situação de liberdade religiosa da sua história recente. Isto significa que a situação geral no que respeita à



“Antes de 2003, éramos um milhão e meio - 6% da população do Iraque. Hoje em dia, talvez sejamos apenas 250 mil. Talvez menos.”
Arcebispo caldeu Bashar Warda, de Erbil

liberdade religiosa melhorou significativamente, mas a ameaça não desapareceu por completo. Muitos combatentes do Daesh não puderam ser detidos e passaram à clandestinidade. Nos últimos anos, também atacaram ocasionalmente minorias religiosas. Por exemplo, a esmagadora maioria dos cristãos da planície de Nínive acredita que é provável que o Daesh regresse.

A preocupação mais imediata em termos de segurança são as milícias apoiadas pelo Irão na planície de Nínive. Estas milícias, maioritariamente xiitas, ajudaram a derrotar o Daesh. Alguns cristãos acusam-nos de corrupção e de violações dos direitos humanos. As intervenções turcas no norte do Iraque para combater os militantes do PKK afectam várias minorias religiosas, como os Cristãos e os Yazidis. Desde o início de 2020, os residentes de dezenas de aldeias cristãs

no norte do Iraque foram forçados a abandonar as suas aldeias.

Situação actual

Os Cristãos iraquianos, entre outras comunidades, vivem principalmente em Bagdade (a capital), Bassorá e predominantemente no norte, especialmente nas províncias de Erbil, Dohuk, Sulaymaniyah e Kirkuk, bem como na província de Nínive com a planície de Nínive, onde se situam muitas cidades e aldeias cristãs.

A Igreja Católica é a maior do país. É constituída por diferentes ritos. A mais numerosa é a Igreja Caldeia, cujo chefe é o Patriarca Cardeal Louis Raphael I Sako, de Bagdade. Mas existem também outros ritos católicos, como a Igreja Católica Siríaca, a Igreja Católica Arménia, a Igreja Melquita e a



Igreja Católica Romana. As três últimas estão maioritariamente localizadas em Bagdade. Há também uma pequena presença católica em Bassorá, no sul do Iraque.

Oração

Para que os Cristãos no Iraque consigam ultrapassar a crise e o sofrimento e viver com dignidade e alegria, sem medo e ansiedade, nós Te pedimos Senhor.

VISITA DO PAPA FRANCISCO AO IRAQUE

A visita do Papa Francisco ao Iraque em 2021 ofereceu um vislumbre de esperança. Francisco foi o primeiro Papa a deslocar-se ao Iraque e foi recebido pelos chefes de Estado e de Governo. Durante a visita, encontrou-se com o líder xiita Grande Ayatollah Sayyid Ali Al-Husayni Al-Sistani e participou numa reunião na Casa de Abraão em Ur.

O PODER PERTURBADOR DO DAESH NÃO DIMINUIU

Embora o pseudo-califado já não possa reivindicar qualquer território para administrar, continua presente no Iraque e na Síria, adoptando as mesmas técnicas de terror que utilizava antes de 2014. De acordo com os relatórios do Centro de Comando dos EUA, 153 ataques de tropas foram reivindicados pela organização terrorista no primeiro semestre de 2024.

A COROA DO ADVENTO



A coroa do Advento é uma coroa feita de ramos verdes na qual são colocadas 4 velas, geralmente 3 roxas e uma cor rosa. Pode ser feita nas nossas casas e também nas nossas igrejas. Hoje pode ser vista felizmente em muitos locais. A coroa do Advento é o primeiro anúncio do Natal.

Como surgiu a coroa do Advento?

A sua origem está ligada à religião luterana. O seu uso começou em 1839, por iniciativa de um pastor chamado Johann Wichern. Ele cuidava de uma casa de auxílio social a crianças pobres. Nas proximidades do Natal, as crianças, ansiosas, sempre perguntavam quando era a festividade de Natal. Então, para marcar a sua chegada, ele fez uma roda com uma vela para cada dia do Advento, de forma que havia velas pequenas para os dias da semana e quatro maiores para simbolizar o Domingo. Vários pastores começaram a fazer o mesmo nas suas comunidades, simplificando o enfeite para quatro velas. Depois, juntou-se a essa ideia a já tradicional fita vermelha.

Como é composta a coroa do Advento?

Os elementos que compõem a coroa podem variar. Geralmente é composta por uma coroa circular, feita de ramos ou folhagem verde, quatro velas e algum enfeite, nomeadamente, maçãs vermelhas e uma fita vermelha.

A coroa circular: o círculo não tem princípio nem fim e lembra a unidade e eternidade do Senhor Jesus Cristo, que é o mesmo ontem, hoje e sempre. É sinal do amor de Deus, que é eterno, sem princípio nem fim. Também é um convite para que o nosso amor a Deus e ao próximo nunca acabe.

Folhagem verde: os ramos verdes podem ser ramos de pinheiro, cipreste, etc. Representam Jesus eternamente vivo e presente entre nós. Verde é a cor da esperança e da vida. Deus quer que esperemos a sua graça, o seu perdão misericordioso e a glória da vida eterna no final da nossa vida terrena. O desejo mais importante deve ser querer chegar a uma união mais forte com Deus, nosso Pai, assim como acontece entre a árvore e os seus ramos.

Enfeites: Podem ser maçãs vermelhas, bolas e uma fita vermelha. As maçãs representam as frutas do jardim do Éden, com Adão e Eva. Falam, pois, do pecado e da expulsão do Paraíso, bem como do anseio permanente do ser humano de voltar a ele. A fita vermelha significa o amor de Deus que nos envolve e também a nossa resposta de amor ao Senhor. As bolas simbolizam os frutos do Espírito Santo que brotam no coração de cada cristão.

As quatro velas: representam os 4 Domingos que compõem este tempo de vigilante espera. Fazem-nos pensar na escuridão provocada pelo pecado que cega o homem e afasta de Deus. Assim, com cada vela que acendemos, a humanidade fica iluminada e continua a iluminar com a chegada de Jesus Cristo ao nosso mundo. Há outras interpretações.

Tradicionalmente as velas da Coroa de Advento são três roxas e uma de cor rosa. Esta é acendida no terceiro Domingo do Advento. Este dia é conhecido também como *Domingo Gaudete*, ou da *Alegria*, devido à primeira palavra do Prefácio da Missa: *Gaudete* (regozijem-se, alegrem-se).

Qual a razão de se acender uma vela da coroa em cada Domingo do Advento?

Como expressão de espera alegre, cada semana realiza-se o rito de acender as velas da coroa, uma em cada Domingo do Advento, até que todas fiquem acesas no final. O acendimento progressivo das velas faz-nos tomar consciência da passagem do tempo e a espera da última e definitiva vinda do Senhor.

Quando se acende uma vela pode ser feita uma breve liturgia. Recomenda-se repartir as funções de cada membro da família durante a liturgia do acendimento de cada uma das velas. Uma pessoa acende a vela, outra lê uma passagem bíblica, outra faz algumas preces, a fim de que todos possam participar e que seja uma ocasião de encontro familiar.

In <https://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/lampejos-carmelitas/867-a-coroa-do-advento>

Medo ou desejo?



Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, **primeiro Domingo do Advento**, no breve Evangelho que a liturgia nos propõe (cf. Mc 13, 33-37), Jesus dirige-nos por três vezes uma exortação simples e directa: **“Vigiai”** (vv. 33.35.37).

O tema é, portanto, a **vigilância**. Como a devemos entender? Por vezes, pensamos nesta virtude como uma atitude motivada pelo medo de um castigo iminente, como se um meteorito estivesse prestes a cair do céu e ameaçasse atingir-nos, se não nos desviássemos a tempo. Mas não é certamente este o sentido da vigilância cristã!

Jesus ilustra-o com uma parábola, falando de um senhor que regressa e dos seus servos que o esperam (cf. v. 34). Na Bíblia, o servo é a “pessoa de confiança” do senhor, com quem existe frequentemente uma relação de cooperação e de afecto. Consideremos, por exemplo, que o servo de Deus é definido como Moisés (cf. Nm 12, 7) e que também Maria diz de si mesma: “Eis a serva do Senhor” (Lc 1, 38). **A vigilância dos servos não é, pois, feita de medo, mas de desejo, à espera de encontrar o seu senhor que vem.** Preparam-se para o Seu regresso porque O amam, porque têm em mente que, quando Ele chegar, encontrará uma casa acolhedora e ordenada: estão felizes por O verem de novo, a ponto de esperarem o Seu regresso como uma festa para toda a grande família da qual fazem parte.

É com esta expectativa afectuosa que também nós queremos preparar-nos para acolher Jesus: no Natal, que celebraremos daqui a poucas semanas; no fim dos tempos, quando Ele voltar glorioso; todos os dias, quando Ele vier ao nosso encontro na Eucaristia, na Sua Palavra, nos irmãos e irmãs, especialmente os mais necessitados.

Por isso, de modo especial durante estas semanas, preparemos cuidadosamente a casa do coração, para que seja ordenada e acolhedora. Vigiar, de facto, significa manter o coração preparado. É a atitude da sentinela que, durante a noite, não se deixa tentar pelo cansaço, não adormece, mas permanece acordada na expectativa da luz que há-de vir. **O Senhor é a nossa luz e é bom preparar o coração para O acolher com a oração e para O hospedar com a caridade, os dois preparativos que, por assim dizer, O põem à vontade.** A este propósito, conta-se que São Martinho de Tours, homem de oração, depois de ter dado metade do seu manto a um pobre, sonhou com Jesus vestido precisamente com aquela parte do manto que tinha dado. **Eis um belo programa para o Advento: encontrar Jesus que vem em cada irmão e irmã que precisa de nós e partilhar com eles o que pudermos: escuta, tempo, ajuda concreta.**

Caríssimos, faz-nos bem perguntarmo-nos hoje como podemos preparar um coração acolhedor para o Senhor. Podemos fazê-lo aproximando-nos do Seu perdão, da Sua Palavra, da Sua mesa, encontrando espaço para a oração, acolhendo-o em quem precisa. Cultivemos a Sua espera sem nos distrairmos com tantas coisas inúteis e sem nos queixarmos continuamente, mas mantendo o nosso coração alerta, isto é, desejoso d’Ele, desperto e pronto, impaciente para O encontrar.

Que a Virgem Maria, mulher da espera, nos ajude a acolher o seu Filho que vem.

Papa Francisco, Angelus, Casa Santa Marta, 3 de Dezembro de 2023



NOVEMBRO - MÊS DAS ALMAS

III. A purificação final ou Purgatório

1030

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu.

1031

A Igreja chama *Purgatório* a esta purificação final dos eleitos, que é absolutamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativamente ao Purgatório sobretudo nos concílios de Florença (622) e de Trento (623). A Tradição da Igreja, referindo-se a certos textos da Escritura (624) fala dum fogo purificador:

“Pelo que diz respeito a certas faltas leves, deve crer-se que existe, antes do julgamento, um fogo purificador, conforme afirma Aquele que é a verdade, quando diz que, se alguém proferir uma blasfêmia contra o Espírito Santo, isso não lhe

será perdoado nem neste século nem no século futuro (Mt 12, 32). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas neste mundo e outras no mundo que há-de vir” (625).

1032

Esta doutrina apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, de que já fala a Sagrada Escritura: “Por isso, [Judas Macabeu] pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas” (2 Mac 12, 46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor, particularmente o Sacrifício eucarístico para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos:

“Socorramo-los e façamos comemoração deles. Se os filhos de Job foram purificados pelo sacrifício do seu pai (627) por que duvidar de que as nossas oferendas pelos defuntos lhes levam alguma consolação? [...] Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer por eles as nossas orações” (628).

In Catecismo da Igreja Católica: Compêndio

O Concílio de Trento, em 1563, ensinou que o purgatório existe e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar.

Para a expiação dos pecados existe o **Purgatório**. O Concílio de Trento, em sessão datada de 3 e 4 de Dezembro de 1563, emitiu o seguinte decreto:

a) Já que a Igreja Católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das Sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecuménico, **ensinou que o purgatório existe e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar**, o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenhem diligentemente para que a sã doutrina sobre o purgatório, transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte. [1]

Para rezar pelas almas do Purgatório, o fiel deve exercitar três virtudes: **a fé, a caridade e a justiça**. Quanto à fé é preciso crer naquilo que a Igreja ensina. Como vemos acima, o Purgatório existe e ela afirma que, para ele “vão as almas das pessoas que morreram em estado de graça, mas ainda não satisfizeram completamente por seus pecados e penas temporais”. [2]

1. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, Denzinger-Hünnemann, nº 1820

2. *Idem*, M:2bc

PORTUGAL

O Papa Francisco juntou-se à Fundação AIS e apelou à oração do Terço pela Paz com as crianças, iniciativa que decorreu no dia 18 de Outubro. “Obrigado a todas as crianças e unamo-nos a elas”, disse o Santo Padre no início dessa semana, após ter recordado o “aniversário da última aparição em Fátima”, a 13 de Outubro de 1917. Foi precisamente em Portugal, na Capelinha das Aparições, que ocorreu um dos momentos mais simbólicos dessa jornada de oração que é organizada desde há 19 anos por todos os secretariados da Fundação AIS espalhados pelo mundo.

NIGÉRIA

D. Habila Daboh, Bispo de Zaria, no norte da Nigéria, denunciou à Fundação AIS a situação de perseguição à comunidade cristã na sua diocese, não só por causa da ameaça dos jihadistas do Boko Haram, mas também pela discriminação quotidiana aos fiéis. O Bispo deu o exemplo das mulheres cristãs que não têm acesso aos hospitais e são forçadas a terem os filhos no mato. D. Habila referiu também a dificuldade de acesso a empregos mais qualificados ou às escolas públicas por parte dos Cristãos. Esta é “uma Igreja perseguida”, referiu, em síntese, o prelado.

MOÇAMBIQUE

D. António Juliasso, Bispo de Pemba, esteve de passagem por Portugal, vindo de Roma, da visita *‘ad limina’* dos Bispos de Moçambique, e lembrou o enorme rasto de “sofrimento e fome” provocado nos últimos sete anos pelos terroristas em Cabo Delgado, e agradeceu a ajuda que a Fundação AIS tem dado à Igreja do seu país, nomeadamente à sua diocese de Pemba. D. Juliasso fez questão ainda de se encontrar pessoalmente com Sílvia Duarte, a cabeleireira que, “vestindo a camisola da AIS”, protagonizou, em Maio uma corrida solidária por Cabo Delgado, gesto que o deixou muito comovido.

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

LÍBANO

Um ataque aéreo sobre a localidade de Derdghaya, perto de Tiro, atingiu dois salões de uma igreja que abrigava refugiados. Mais tarde, o edifício de três andares que funcionava como residência do sacerdote e escritórios da paróquia foi também atingido noutra ataque, destruindo-o também. Os dois ataques, a 10 de Outubro, provocaram pelo menos oito mortos.

IRAQUE

D. Bashar Warda, Bispo de Erbil, veio a Portugal a convite da Fundação AIS para recordar como tem sido a vida dos Cristãos no Iraque após a invasão das terras bíblicas da Planície de Nínive pelo grupo terrorista Daesh. Invasão que levou à fuga, em Agosto de 2014, de cerca de 100 mil pessoas, na sua esmagadora maioria cristãos. A visita do Arcebispo foi acompanhada por uma exposição de objectos religiosos profanados no seu país pelos jihadistas.

PAQUISTÃO

Uma enfermeira cristã, mãe de quatro filhos, foi condenada à morte em Setembro por um tribunal de Islamabad por, alegadamente, ter enviado através da rede social WhatsApp uma mensagem com carácter injurioso para com o profeta Maomé. Apesar de se ter declarado inocente, Shagufta Kiran não conseguiu convencer os juizes e aguarda agora, na prisão, em Rawalpindi, o resultado do recurso que interpôs para o Supremo Tribunal. A sua vida depende dessa sentença.



ORAÇÃO PELA PAZ NO IRAQUE

Senhor, a crise do nosso país é profunda e o sofrimento dos Cristãos é pesado e assusta-nos, por isso pedimos-Te, Senhor, que orientes as nossas vidas, que nos concedas paciência e coragem para continuar a testemunhar os nossos valores cristãos com confiança e esperança.

Senhor, a paz é a base de qualquer vida; dá-nos paz e estabilidade para vivermos uns com os outros sem medo, sem ansiedade, com dignidade e alegria, glória a Ti para sempre.

Louis Raphael I Sako, *Patriarca Católico Caldeu*

“Falando em nome de todas as pessoas - especialmente das minorias, que tendem a sofrer mais do que os outros, nomeadamente em situações de conflito - por favor, Deus, não mais guerra.”

Arcebispo Bashar Warda de Erbil



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt